

Experiências de Vida na Conversação entre Pais e Filhos Pré-Adolescentes

*Lídia Suzana Rocha de Macedo** & *Tania Mara Sperb*
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

RESUMO

Esse estudo investiga a conversação sobre experiências envolvendo emoções em 189 famílias de classe média com pré-adolescentes (10 a 13 anos). Um dos genitores e o pré-adolescente responderam um questionário sobre comunicação familiar. Os resultados mostram que os genitores costumam compartilhar experiências, privilegiam resolver problemas ao conversar sobre as experiências negativas dos filhos, e costumam reforçar a autoestima do pré-adolescente quando em experiências positivas. Quanto aos pré-adolescentes, a maioria costuma compartilhar experiências em casa e a idade, mas não o gênero, influencia esse hábito; as emoções positivas os conduzem mais a conversar do que as negativas; e a escolha de uma parceria para conversar é influenciada pela emoção envolvida na experiência e pela idade e gênero do pré-adolescente.

Palavras-chave: comunicação; interação familiar; pré-adolescência.

ABSTRACT

Life Experiences in Conversations Between Pre-adolescents and Their Parents

This study investigates conversation regarding experiences involving emotions in middle class families with pre-adolescents (10 to 13 years old). One of the parents and the pre-adolescent answered a questionnaire on family communication. The results show parents as commonly sharing their own experiences, favoring problem solutions when talking about their children's negative experiences, and reinforcing the pre-adolescent's self-esteem while sharing positive experiences. As to the pre-adolescents, they most usually sharing their own experiences at home, and age but not gender influence this habit; the positive emotions lead them to talk more than the negative; and the partner choice for talking is influenced by the emotion involved in the experience and by the preadolescent's age and gender.

Keywords: communication; family interaction; preadolescence.

Relembrar em família de experiências vividas num passado recente ou distante tem sido considerado um tópico de conversação especialmente importante para o desenvolvimento da criança. No momento da experiência acontece apenas uma parte da interpretação e da avaliação da emoção vivida, a maior parte se dá retrospectivamente (Fivush & Kuebli, 1997). A necessidade de melhor interpretar e compreender o vivido, portanto, levaria a criança à conversação. Esta necessidade, porém, parece ir bem além da infância. Bluck, Alea, Habermas e Rubin (2005), por exemplo, perguntaram a universitários o que os levava a querer compartilhar experiências de vida e encontraram que esse tipo de conversação pode cumprir três funções: 1)

direcionamento: usar o passado para guiar o pensamento e o comportamento no presente e/ou no futuro; 2) junto ao *self*: para regular emoções e compreender-se; 3) social: para aproximar-se de pessoas ou melhorar a qualidade dos relacionamentos.

Na literatura internacional da última década, um grande número de pesquisas com enfoque sociocultural investigou os efeitos na criança pré-escolar das conversações com sua mãe sobre experiências envolvendo emoções positivas e negativas. Os resultados mostram que o estilo de lembrar da mãe está relacionado a diversos desenvolvimentos da criança: memória autobiográfica, memória estratégica, linguagem e letramento, relacionamentos de apego, compreensão

* Endereço para correspondência: Lídia Rocha de Macedo - lidiasrmacedo@gmail.com

sobre o *self*, o outro e a mente e regulação de emoções (Fivush, Haden, & Reese, 2006; Fivush & Nelson, 2004). A participação do pai nesse tipo de conversação também foi estudada, especialmente, em comparação com a da mãe (Bird & Reese, 2006; Fivush, Brotman, Buckner, & Goodman, 2000; Sales, Fivush, & Peterson, 2003).

Pesquisas recentes também investigaram a conversação sobre experiências de vida em famílias com pré-adolescentes e encontraram associações com o desenvolvimento do *self*, da autoestima, de uma perspectiva pessoal única no pré-adolescente e com o desenvolvimento da história familiar (Bohanek, Marin, Fivush, & Duke, 2006; Fivush, Marin, McWilliams, & Bohanek, 2009). Fivush e Nelson (2004) explicam que, ao reconstituir a história daquilo que se viveu e compartilhá-la na família, ocorre uma negociação de significados na qual a perspectiva do narrador pode ser validada ou não, por meio de confirmações, negações e rejeições dos ouvintes. Participar desse contexto conversacional auxilia o desenvolvimento de uma perspectiva pessoal e a construção de uma história compartilhada que ajuda a criar e manter ligações emocionais, ou seja, está implicado no relacionamento familiar. De acordo com a literatura internacional, portanto, as conversações sobre experiências de vida em famílias com pré-adolescentes seguem tendo uma função importante. Resta saber se há espaço para esse tipo de conversação em famílias brasileiras com pré-adolescentes.

No Brasil, a pesquisa no tema da conversação familiar sobre experiências de vida é incipiente e tem focado a conversação mãe-criança pré-escolar (Macedo, 2006). Pesquisas com o foco na comunicação familiar são raras e as existentes investigam o período da adolescência, incluindo nele indivíduos de 10-11 anos, que estão na pré-adolescência. A OPAS (Organização Pan-americana da Saúde) sugere classificar como pré-adolescentes meninas de 9 a 12 anos e meninos de 10 a 13 anos, considerando a ocorrência em momentos distintos das mudanças biológicas em meninos e meninas (Breinbauer & Maddaleno, 2005). Levando em conta esta classificação, há poucas informações específicas sobre pré-adolescentes e também sobre sua comunicação familiar. Torna-se importante, portanto, além de examinar as informações disponíveis sobre a comunicação familiar na adolescência, examinar resultados de pesquisas que incluem pré-adolescentes em suas amostras, no intuito de extrair parâmetros para pensar a comunicação familiar na pré-adolescência.

Desde uma perspectiva sistêmica, espera-se que pré-adolescentes estejam mais próximos da família do que adolescentes. Teodoro, Cardoso e Freitas (2010) não encontraram variações conforme a idade ao avaliarem a afetividade das relações familiares em estudantes brasileiros de 8 a 14 anos, o que indica estabilidade em relação à coesão e à necessidade de conexão entre os membros da família. Contudo, a necessidade de proximidade entre os membros da família se modifica ao longo do ciclo de vida, como ocorre no período da adolescência. As famílias realizam ajustes nas fronteiras que regulam a quantidade de contato de uns com os outros para facilitar o processo de diferenciação do adolescente (Rios-González, 2003). Essas mudanças tornam-se visíveis na comunicação entre pais e filhos, constituindo-se como uma manifestação observável desse relacionamento (Sillars, Canary, & Tafoya, 2004). Em sua relação com os pais, o adolescente alterna necessidades de vinculação – aparente nas expressões de mutualidade e permeabilidade – e de autonomia – manifesta nas expressões de autoassertividade e separação (Soares & Campos, 1988). É possível, então, que a comunicação do pré-adolescente com a família se caracterize por mais expressões de mutualidade e permeabilidade, o que é compatível com o compartilhar experiências.

Conversar sobre a própria experiência é uma atividade culturalmente mediada, mais valorizada em algumas culturas do que em outras (Fivush et al., 2006). Da mesma forma, esse tipo de conversação pode ser mais importante para algumas famílias do que para outras. Para que esse tipo de conversação ocorra, os pais precisam estar suficientemente próximos ao pré-adolescente de modo a permitir que uma experiência possa ser compartilhada. Estudantes de classe média de Porto Alegre (12 a 15 anos) destacaram a falta de tempo como um aspecto que dificulta a comunicação com os pais (Wagner, Predebon et al., 2002). A classe social a que a família pertence também pode ter influência na maneira de se comunicar. Braz, Dessen e Silva (2005), por exemplo, constataram que apenas entre casais de classe média (em comparação com a classe baixa), a negociação e a intimidade foram destacadas como pontos positivos da relação conjugal, e o uso do diálogo como estratégia para resolver os conflitos. Já Romanelli (1998) argumenta que os modelos de relacionamento familiar surgidos após os anos 60 incidiram mais intensamente sobre a classe média. Esse pesquisador identificou um aumento na proximidade e na disponibilidade dos pais para dialo-

gar e negociar com os filhos adolescentes em famílias brasileiras de classe média. Em vista disso, é possível que famílias de classe média compartilhem suas experiências.

Para que uma experiência seja compartilhada é necessário um bom nível de responsividade. Alea e Bluck (2003) explicam que responsividade é um processo bidirecional: o ouvinte responde ao que o narrador está dizendo e o narrador responde ao ouvinte de modo a fazer que a interação continue, ou seja, há uma sintonia entre eles. Se o ouvinte está desinteressado ou distraído, o narrador revela informações menos detalhadas da experiência. Já ao perceber o interesse do ouvinte, o narrador inclui mais elaborações, opiniões e emoções. Um bom nível de responsividade revela atenção e compreensão, o que afeta o grau de abertura do *self* do narrador, permitindo que ele compartilhe experiências mais *self*-relevantes que geralmente envolvem emoções, o que torna, por sua vez, a interação mais íntima. Conversar sobre experiências envolvendo emoções na família, portanto, pode aumentar a intimidade nas relações familiares.

A Participação do Pré-adolescente

Pesquisas brasileiras investigaram o que pensam estudantes de classe média de 11 a 16 anos sobre sua comunicação familiar. Foi verificado que a comunicação familiar é valorizada pela maioria (96%) que, em geral, considera ter uma boa comunicação familiar (Wagner, Falcke, Silveira, & Mosmann, 2002); que é a melhor forma de resolver os problemas e que os aspectos que a facilitam são a abertura e a compreensão dos pais (Wagner, Predebon et al., 2002); e que adolescentes desenvolvem estratégias específicas em sua comunicação com os pais, como escolher um momento oportuno para conversar, pensar a forma de se dirigir e de introduzir certos assuntos e escolher um familiar específico conforme o assunto a tratar (Wagner, Carpenedo, Melo, & Silveira, 2005).

A sintonia entre pais e filhos ou a percepção de ter uma comunicação efetiva pode depender do tópico discutido, do gênero do genitor e do gênero e idade do filho. Pesquisas norte-americanas sobre comunicação familiar com adolescentes e pré-adolescentes mostram que a compreensão é um aspecto da comunicação que pode estar presente em alguns tópicos e ausente em outros (Sillars, Koerner, & Fitzpatrick, 2005) e que há efeitos de gênero na percepção de comunicação efetiva: que é mais frequente nas díades mãe-filha, seguida pelas díades mãe-filho, pai-filho e pai-filha (Lambert

& Cashwell, 2004). Estudantes brasileiros de 11 a 16 anos percebem os pais mais distantes de suas questões pessoais e de sua intimidade do que as mães, sendo que 49,8% deles escolhem a mãe para conversar e a escolha do pai (12,2%) aparece depois da escolha do irmão mais velho (17,6%) (Wagner, Falcke et al., 2002). Ritchie e Fitzpatrick (1990) já tinham encontrado que os padrões de concordância e afinidade modificam-se com a idade: pré-adolescentes de 13 anos têm maior probabilidade de compartilhar as visões de suas mães na orientação para conceitos e as visões de seus pais na orientação social, enquanto que aos 17 anos dá-se o inverso, eles compartilham a orientação para conceitos dos pais e a orientação social das mães. Assim, a escolha do parceiro para conversar pode mudar durante essa etapa da vida.

O período da adolescência interfere na escolha de tópicos a serem abordados nas conversas com os pais. Mudam a frequência e o conteúdo das interações verbais com os pais, porque se alteram os padrões de abertura do *self* (*self-disclosure*) e as percepções de privacidade e responsabilidade (Laursen & Collins, 2005). É possível, então, que pré-adolescentes compartilhem mais experiências em casa, em comparação com adolescentes. Além do tópico da conversação, o motivo que conduz o pré-adolescente a querer conversar com os pais também é relevante. Em adultos, Pasupathi (2003) constatou que se o motivo para compartilhar uma experiência é regular uma emoção negativa, a conversação tem maior possibilidade de alcançar esse efeito positivo. Resta saber que influência o tipo de emoção exerce sobre a necessidade de pré-adolescentes de compartilhar experiências com a família.

A Participação dos Pais

Ao se pensar qual seria a influência da participação dos pais na conversação sobre experiências de vida com filhos pré-adolescentes, há uma combinação de fatores que devem ser considerados. Entre esses, destaca-se a maneira dos pais de falar e dar atenção às emoções dos filhos. Há uma maneira particular de cada família de lidar com emoções, que também recebe a influência do sistema de crenças da cultura. Os nomes para as emoções, o discurso sobre suas causas e consequências (Oliva et al., 2006) e até mesmo o tom e a textura emocional dos eventos experimentados são modulados por regras sociais e culturais, e pelo significado cultural da experiência emocional (Fivush & Kuebli, 1997). Na literatura internacional,

estudos longitudinais mostram que a maneira dos pais de responderem às experiências envolvendo emoções dos filhos possibilita que a situação original que eliciou a emoção seja modificada, o que, daí em diante, pode ajudar ou dificultar a tarefa da criança de lidar com essa emoção (Gross & Thompson, 2007). Famílias que discutem experiências emocionais de maneira integrada e aberta têm crianças que desenvolvem melhores habilidades pró-sociais, têm relações mais positivas com os pares e mostram melhor ajustamento psicológico (Halbersadt, Denham, & Dunsmore, 2001). Se a família não tem essa abertura, a criança pode adquirir um viés para lidar com emoções sobre as quais não conversa ou se estabeleceram preconceitos.

A conversação familiar sobre experiências envolvendo emoções segue tendo uma função importante na pré-adolescência. Fivush e Duke (2002) investigaram famílias norte-americanas com pré-adolescentes antes e depois dos atentados de 11 de setembro. Verificaram que após os atentados, os membros da família tornaram-se mais próximos, a fim de buscarem os recursos necessários para compreender, integrar e lidar com as emoções. Conversar sobre as situações que provocaram *stress* permitiu organizar estratégias para prosseguir com a vida, organizar a expressão e regulação de afetos, e promoveu um aumento na coesão familiar.

A função da conversação, no entanto, pode se modificar se a experiência envolve emoções positivas ou negativas. Pré-adolescentes (9 a 12 anos), cujas mães elaboram e explicam emoções ao relembrar eventos estressantes, mostram estratégias de *coping* mais efetivas com menos problemas de internalização e externalização (Fivush & Sales, 2006). A conversação em que se relembram eventos positivos não gera a mesma preocupação que os eventos negativos evocam e, por isso, pode ter como função criar uma história compartilhada (Sales et al., 2003) ou reforçar a autoestima da pessoa que viveu a experiência (Reese, Bird, & Tripp, 2007). Esse tipo de conversação poderia ter as mesmas funções identificadas por Bluck, Alea, Habermas e Rubin (2005): direcionamento, junto ao *self* do pré-adolescente (ajudá-lo a regular emoções e compreender-se) e social ou relacional, já que se trata da aproximação entre pais e filhos. A função da conversação pode também ser influenciada pelas metas parentais de educação. Não se sabe quais seriam as metas educacionais de famílias brasileiras com pré-adolescentes, mas pesquisas brasileiras sobre metas de socialização em famílias com crianças estabelecem uma direção.

Bandeira, Seidl de Moura e Vieira (2009), por exemplo, encontraram que pais e mães de crianças de 3 anos valorizam tanto metas de socialização relacionadas à autonomia como à interdependência. Objetivos parentais de direcionamento e com foco no *self* estimulariam a autonomia, enquanto os objetivos parentais relacionais, a interdependência.

O gênero do genitor e o do pré-adolescente pode interferir na maneira de participar desse tipo de conversação. No Brasil, apesar de algumas mudanças, o exercício da maternidade e da paternidade ainda é fortemente influenciado pelos papéis tradicionais de gênero (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004; Wagner, Predebom, Mosmann, & Verza, 2005). O papel atribuído culturalmente ao pai enfatiza disciplina e sustento familiar, e o não envolvimento nas questões afetivas, enquanto a mãe aparece como principal mediadora das relações familiares, desempenhando o papel de conversar e estar atenta às necessidades e interesses dos filhos (Wagner, Falcke et al., 2002). Somente a mãe, então, é estimulada a conversar sobre a intimidade dos filhos e sobre as experiências deles envolvendo emoções.

O gênero do filho pode influenciar a maneira dos pais conduzirem a conversa sobre experiências envolvendo emoções. Na literatura internacional, a maioria das pesquisas investigou a conversação entre crianças em idade pré-escolar e sua mãe ou seus genitores, procedimento que também foi adotado no Brasil (Macedo, 2006). Mães falam mais dos aspectos emocionais das experiências em comparação a pais, e o fazem mais com filhas do que com filhos (Fivush et al., 2000). Pais são mais elaboradores com filhas, entram mais em detalhes, fazem mais avaliações e adotam uma orientação mais voltada para o relacionamento, em comparação com o que fazem pais com filhos (Bird & Reese, 2006; Fivush et al., 2000; Sales et al., 2003). Com filhas, os genitores situam mais as emoções em contextos sociais e relacionais (Fivush & Sales, 2006), especialmente quando conversam sobre tristeza (Bird & Reese, 2006; Fivush et al., 2000). Com os filhos, os genitores fazem mais questões que requerem apenas confirmação ou negação, de modo a mantê-los engajados na conversação, possivelmente em função deles estarem menos preparados (Sales et al., 2003) e/ou interessados em participar (Macedo, 2006). Já sobre raiva, a conversação é mais extensa e profunda entre genitores e filhos, do que entre genitores e filhas (Bird & Reese, 2006). Peterson (2004) investigou as narrativas dos genitores sobre o atendi-

mento do/a filho/a em emergência hospitalar e verificou que somente os genitores de meninos (2 a 5 anos e 8 a 13 anos) enfatizaram a ausência de reação emocional. É consenso entre esses autores que a atenção maior dos genitores a formas de expressão emocional específicas para meninos e meninas pode levar a um aumento na expressão dessas emoções e não de outras.

Essas informações indicam a possibilidade do pré-adolescente se beneficiar ao compartilhar suas experiências na família, mas não é possível dizer se isso ocorre em famílias brasileiras. Com o objetivo de investigar o espaço de conversação entre o pré-adolescente e seus pais, examinou-se: 1) se os pré-adolescentes compartilhavam suas experiências em casa, o que os levava a fazê-lo, e se idade e gênero influenciavam esse hábito; 2) se os pais compartilhavam suas experiências, se estavam atentos ao que os filhos sentiam, quais eram seus objetivos de conversação, e se idade e gênero do pré-adolescente influenciavam esses objetivos.

MÉTODO

Participantes

Participaram desse estudo 189 famílias, com um/a filho/a pré-adolescente cursando o quinto, sexto ou o sétimo ano de diversas escolas particulares e públicas situadas em bairros de classe média na cidade de Porto Alegre. A seleção dos participantes foi não aleatória e por conveniência, sendo a escolha das turmas determinada pelas escolas e todos os alunos dessas turmas convidados a participar. O adulto participante de cada família foi o pai ou a mãe que respondeu o questionário, uma vez que ficou a critério do pré-adolescente escolher quem deveria respondê-lo, considerando que essa deveria ser a pessoa com quem mais conversa.

Os pré-adolescentes tinham entre 10 e 13 anos de idade (10 anos: 13,2%; 11 anos: 29%; 12 anos: 38%; 13 anos: 19%), sendo 55% do sexo feminino e 45% do sexo masculino. Dentre os genitores, 76% (144) são mães e 24% (45) são pais. As mães tinham em média 43,24 anos ($DP=5,40$) e os pais 45,24 anos ($DP=5,58$). Quanto à escolaridade, apenas 11% das mães e 10% dos pais não ingressaram no ensino superior. A configuração familiar predominante é a de família nuclear (70%). O nível socioeconômico das famílias é médio (cf. índice de Hollingshead, 1975), apesar da presença de variações que indicam que há participantes com escores distantes das médias dos

grupos nas escolas privadas, sendo essa variação ainda maior nas escolas públicas.

Instrumentos e materiais

Com base na literatura sobre comunicação familiar foi construído um questionário em duas versões quase idênticas, uma para pais (8 questões) e outra para pré-adolescentes (12 questões), com respostas apresentadas em uma escala *Likert* de quatro pontos: nunca (1), raramente (2), muitas vezes (3) e sempre (4). As questões em comum foram: 1) Tu (teu filho) costumava contar em casa as coisas que acontecem na tua vida? 2) Outras pessoas da família falam de suas experiências de vida ou de histórias de família? (Opções para pais: tu mesmo/a, teu/tua esposo/a, outros filhos, familiares; opções para pré-adolescentes: pai, mãe, irmãos, familiares) 3) Com que frequência tu (teu filho) falas em casa de experiências que te deixaram com (emoção)? As emoções investigadas foram tristeza, raiva, alegria, medo/ansiedade, empolgação e remorso, emoções que por terem expressões faciais típicas podem ser facilmente reconhecidas por outros (Widen & Russel, 2002).

Algumas questões no questionário foram específicas aos pais e aos pré-adolescentes. Aos pais, perguntou-se sobre os objetivos para conversar com o filho sobre experiências negativas e positivas, os quais foram adaptados de Bluck et al. (2005). Os objetivos foram: a) Ajudá-lo/a a compreender de que forma poderá evitar que lhe aconteça o mesmo novamente no futuro; b) Ajudá-lo/a a pensar outras maneiras de resolver o mesmo problema; c) Reforçar sua autoconfiança; d) Ajudá-lo/a a compreender e assimilar o que aconteceu; e) Ajudá-lo/a a compreender a si mesmo; f) Ajudá-lo/a a compreender seus sentimentos e emoções; g) Mostrar a ele/a que pode contar contigo; h) Fazê-lo/a se sentir melhor; i) Aproveitar para conhecê-lo melhor; j) Dar apoio afetivo (expressar carinho). Os pais deviam escolher um objetivo principal e um secundário. Segundo esses autores, os objetivos podem enfatizar a resolução de problemas (objetivos: a, b e d), o *self* do pré-adolescente (objetivos: c, e, f e h) ou o relacionamento (objetivos: g, i e j). Aos pré-adolescentes, perguntou-se sobre a escolha de parceria: Quando algo te deixa (emoção), tu gostas de conversar? () Não () Sim, prefiro conversar com... As opções de parceiros foram: pai, mãe, irmãos, amigos e familiares. Pediu-se que indicassem a ordem de preferência numerando de 1 a 5. O questionário autoaplicável levou ao redor de 10 minutos para ser preenchido.

O questionário também investigou variáveis do contexto familiar, como tempo de convívio com o pré-adolescente e oportunidades de conversação, que não serão examinadas nesse artigo.

Procedimento

Foi utilizado um delineamento do tipo pesquisa de levantamento. Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo comitê de ética (nº de protocolo: 2008082), iniciou-se a visitação às escolas. O projeto foi apresentado à direção, seguido do conselho diretor de cada escola, quando foram assinados os termos de autorização para a pesquisa. Então, o projeto foi apresentado para as orientadoras responsáveis e discutiu-se a logística da coleta de dados. O tempo mínimo do contato inicial até a entrada nas turmas foi de um mês. A pesquisa foi explicada em cada sala de aula e foram distribuídos envelopes para serem entregues aos pais, contendo: uma carta-convite, os termos de consentimento livre e esclarecido para os pais e para o pré-adolescente e o questionário sobre comunicação familiar para pais. Os questionários levaram de dez dias a um mês para retornarem. Os pré-adolescentes responderam seu questionário na escola.

Foram utilizadas estatísticas descritivas e inferenciais (teste *Qui-quadrado*) para investigar se variáveis relativas ao pré-adolescente (gênero, idade, sentir emoções) influenciavam seus hábitos de conversação e a escolha de seu genitor de objetivos de conversação, e para verificar se havia associação entre as respostas do genitor e de seu filho em relação à disposição deste de conversar quando sente emoções. Para

possibilitar a análise, a escala *Likert* foi transformada: as respostas “nunca” e “raramente” formaram a variável não costuma (1) e as respostas “sempre” e “muitas vezes” formaram a variável costuma (2).

RESULTADOS

Os resultados são apresentados em duas partes. Na primeira parte, examinou-se a participação dos pais no que concerne: 1) ao hábito de compartilhar experiências pessoais; 2) à sintonia em relação ao que o/a filho/a está sentindo; 3) aos objetivos parentais para as conversações sobre experiências negativas e positivas e; 4) às possíveis variações desses objetivos conforme a idade e o gênero do pré-adolescente. Na segunda parte, examinou-se a participação do pré-adolescente: 1) com que frequência conta em casa suas experiências; 2) que emoções o conduzem a conversar com os pais; 3) com quem prefere conversar e; 4) as possíveis associações entre esses comportamentos e a idade e gênero do pré-adolescente.

A Participação dos Pais

De acordo com as informações dos genitores e do pré-adolescente, os pais e as mães têm o hábito de compartilhar experiências pessoais. Segundo os pré-adolescentes, apenas 26% dos pais e 13% das mães não têm o hábito de compartilhar experiências pessoais. A tabela 1 mostra as associações entre as repostas do genitor e seu filho/a em relação à disposição deste de conversar quando sente emoções.

Tabela 1
Associações entre as Respostas das Díades (mãe/filho; pai/filho) quanto à Frequência de Conversação conforme a Emoção

Emoções	Díades	
	Mãe/filho/a (n = 144)	Pai/filho/a (n = 45)
Tristeza	$\chi^2(9) = 18,49; p = 0,03^*$	$\chi^2(9) = 8,31; p = 0,50$
Raiva	$\chi^2(9) = 26,66; p < 0,01^{**}$	$\chi^2(9) = 10,67; p = 0,29$
Alegria	$\chi^2(9) = 12,66; p = 0,04^*$	$\chi^2(6) = 25,80; p < 0,01^{**}$
Medo/ansiedade	$\chi^2(9) = 8,48; p = 0,48$	$\chi^2(9) = 12,02; p = 0,21$
Empolgação	$\chi^2(6) = 13,23; p = 0,03^*$	$\chi^2(6) = 7,60; p = 0,26$
Remorso	$\chi^2(9) = 22,79; p < 0,01^{**}$	$\chi^2(9) = 4,66; p = 0,86$

Nota. * $p < 0,05$. ** $p < 0,01$.

Entre as respostas de mãe e filho referentes à frequência de conversação foram encontradas associações estatisticamente significativas para todas as emoções, exceto medo/ansiedade. Entre as respostas de pai e filho encontrou-se associação estatisticamente significativa quando a emoção é alegria.

Quanto aos objetivos parentais de conversação, foram identificados um objetivo principal e um secundário para conversar sobre experiências negativas, mas

apenas um objetivo para conversar sobre experiências positivas, uma vez que poucos escolheram um segundo objetivo.

A Figura 1 apresenta as porcentagens referentes aos objetivos parentais em conversações sobre experiências negativas (1º e 2º objetivos) e experiências positivas.

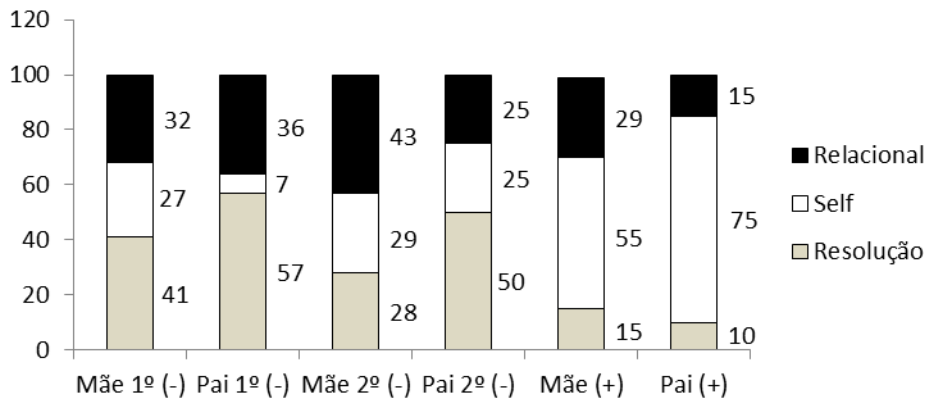


Figura 1. Porcentagens de objetivos parentais de conversação sobre experiências negativas (1º e 2º) e positivas.

Os três tipos de objetivos de conversação sobre experiências negativas foram escolhidos pelas mães com uma frequência semelhante, sendo que resolução de problemas foi o objetivo principal mais escolhido e foco relacional foi o objetivo secundário mais escolhido. O tipo de objetivo mais escolhido pelos pais para conversar sobre experiências negativas foi resolução de problemas, tanto como objetivo principal como secundário. Objetivos com foco relacional foram escolhidos com frequência semelhante por pais e mães, mas poucos pais escolheram objetivos com foco no *self* como o principal. Para conversar sobre experiências positivas, objetivos com foco no *self* do pré-adolescente foram os mais frequentes para ambos os genitores.

Não foram encontradas diferenças conforme a idade e o gênero do pré-adolescente na escolha dos objetivos parentais para conversar sobre experiências negativas e positivas. Em comparação com as mães de meninos, as mães de meninas tenderam a escolher (resíduo ajustado=1,6) mais objetivos de resolução de problemas para conversar sobre experiências positivas [χ^2 (2, n = 126) = 5,57; $p = 0,06$].

A participação do pré-adolescente

Os resultados mostraram que os pré-adolescentes (84%) costumam conversar em casa sobre suas experiências pessoais, o que foi confirmado pelos genitores. Verificou-se uma associação estatisticamente significativa entre hábito conversacional e idade do pré-adolescente [χ^2 (3, n=189) = 10,37; $p=0,01$]. Os resultados indicaram que com o aumento da idade, diminui a porcentagem de pré-adolescentes que costumam conversar em casa sobre suas experiências. Não foi encontrada associação entre gênero e hábito conversacional.

Segundo os resultados, as emoções conduzem pré-adolescentes a conversar em casa, mas o remorso conduz menos à conversação (38%). As experiências com emoções positivas (alegria: 95%; empolgação: 89%) conduzem mais à conversação do que as negativas (tristeza: 59%; raiva: 65%; medo/ansiedade: 62%). Não foram encontradas associações entre idade e gênero dos pré-adolescentes e frequência de conversação por emoção.

No que se refere à escolha do pré-adolescente de uma parceria para conversar, considerou-se para análise apenas a primeira opção. As opções “irmãos” e

“familiares” não chegaram a 5%, não aparecendo na figura. A Figura 2 apresenta as porcentagens em que

“mãe”, “amigos” e “pai” são escolhidos para falar sobre cada emoção.

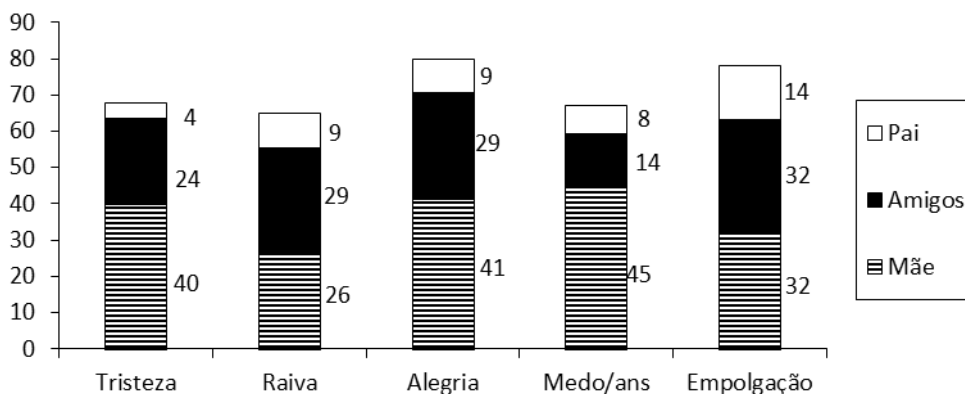


Figura 2. Porcentagens referentes à escolha de parceria para conversar.

A mãe foi a parceria escolhida com mais frequência para conversar sobre tristeza, alegria e medo. Para falar de raiva, a opção por amigos foi mais frequente do que a opção pela mãe. Já para falar de empolgação, as duas opções mais frequentes foram a mãe e os amigos. A opção pelo pai foi bem menos frequente do que a opção pela mãe ou por amigos, em qualquer das

emoções. Entre os que optaram pelo pai, a empolgação foi a emoção mais escolhida. Quanto às opções “irmão” e “familiares” três pré-adolescentes optaram por familiares e nove optaram, algumas vezes, por irmãos. A Tabela 2 apresenta as associações entre escolha de parceria para conversar e a faixa etária e o gênero do pré-adolescente.

Tabela 2

Associações entre Escolha de Parceria e Faixa Etária e Gênero do Pré-adolescente

Emoções	Faixa etária (n = 189)	Gênero (n = 189)
Tristeza	$\chi^2(4) = 11,4; p = 0,02^*$	$\chi^2(4) = 13,8; p < 0,01^{***}$
Raiva	$\chi^2(4) = 10,6; p = 0,03^*$	$\chi^2(4) = 16,5; p < 0,01^{***}$
Alegria	$\chi^2(4) = 12,6; p = 0,01^{**}$	$\chi^2(4) = 9,2; p < 0,05^*$
Medo/ansiedade		$\chi^2(4) = 23,7; p < 0,01^{***}$
Empolgação		$\chi^2(4) = 13,7; p < 0,01^{***}$

Nota. * $p < 0,05$. ** $p < 0,01$. *** $p < 0,001$.

Os resultados indicam que a idade do pré-adolescente influenciou a escolha de parceria para conversar: há diferenças estatisticamente significativas entre as faixas etárias nas escolhas para conversar sobre tristeza, raiva e alegria. O mesmo não ocorreu com as escolhas para conversar sobre medo/ansiedade e empolgação. Na faixa etária 10-11 anos destacou-se a escolha da mãe. Um terço escolheu os amigos. O pai não foi escolhido para falar de tristeza. Na faixa etária 12-13 anos, a mãe foi a mais escolhida para conversar sobre tristeza e alegria, mas os amigos foram os mais escolhidos para conversar sobre raiva. Em compara-

ção com o que ocorreu aos 10-11 anos, a escolha do pai foi mais frequente para falar de tristeza e raiva e menos para falar de alegria.

Segundo os resultados, o gênero do pré-adolescente influenciou significativamente a escolha de parceria para conversar sobre tristeza, raiva, alegria, medo/ansiedade e empolgação: as pré-adolescentes escolheram mais a mãe do que os amigos para conversar sobre medo/ansiedade; a mãe ou amigos para falar de tristeza e de alegria, e; mais os amigos do que a mãe para conversar sobre raiva e empolgação. Os pré-adolescentes, por sua vez, escolheram, sobretudo, a mãe

para conversar sobre todas as emoções. Amigos foram escolhidos para conversar sobre tristeza e alegria, e não sobre medo/ansiedade. Pais e amigos foram escolhidos para conversar sobre raiva.

DISCUSSÃO

As famílias participantes do estudo cultivam o hábito de conversar sobre experiências de vida. Essa é uma informação nova referente aos hábitos conversacionais em famílias de classe média na cidade de Porto Alegre. Considerando que a atividade é culturalmente mediada (Fivush et al., 2006), espera-se que existam padrões relacionais diversos nas demais classes sociais e em outras populações (urbanas e rurais). No caso, esse hábito conversacional mostrou-se característico de famílias de classe média, indo ao encontro do que afirmam Braz, Dessen e Silva (2005) e Romanelli (1998), o que pode ser investigado no futuro. O hábito conversacional dos pré-adolescentes desse estudo corrobora os achados de Teodoro, Cardoso e Freitas (2010) referentes à estabilidade nos níveis de coesão familiar e necessidade de conexão entre os membros da família, em indivíduos dos 8 aos 14 anos. Não foi encontrada relação entre o hábito conversacional do genitor e seu filho pré-adolescente, há pais que não costumam falar e filhos que costumam e vice-versa. O hábito conversacional de pais e filhos pequenos está relacionado (Fivush et al., 2006), o que sugere um período de influência.

Quanto à correspondência entre o que o pré-adolescente sente e a percepção de seus pais, as díades mãe/filho/a foram as mais sintônicas, corroborando resultados de outras pesquisas (Gottman, Katz & Hooven, 1997; Wagner, Falcke et al., 2002). Já a ausência de sintonia em relação ao medo pode decorrer de características próprias da emoção, uma vez que o tipo de emoção pode influenciar o desejo de compartilhar ou não a experiência em casa, indicando que nem toda emoção conduz à conversação. Tema a ser melhor investigado.

Os resultados mostraram que os objetivos parentais se modificam quando a experiência é positiva ou negativa, o que confirmou expectativas. O principal objetivo de pais e de mães ao conversar sobre experiências negativas foi discutir estratégias de resolução de problemas, o que estimularia a autonomia. Esse resultado está alinhado ao de Fivush e Duke (2002). Como segunda escolha, somente as mães mudaram de escolha optando por fortalecer a relação mãe-filho/a, o que estimularia a interdependência. Já ao conversar sobre experiências positivas, o objetivo principal de

pais e de mães foi reforçar o *self* do pré-adolescente, o que estimularia a autonomia. Resultado diferente de Fivush e Duke (2002) que encontraram fortalecer a relação pais-filho, o que estimularia interdependência. Esse estudo enfatiza o aspecto sociocultural e se alinha ao de Bandeira et al. (2009) indicando que coexistem na cultura brasileira estímulos parentais à autonomia e à interdependência.

Contrariando a expectativa inicial, os objetivos parentais de conversação neste estudo não interferiram no hábito conversacional do pré-adolescente nem foram influenciados pela idade ou pelo gênero. Apenas as mães de meninos e de meninas tenderam a escolher objetivos diferentes diante de experiências positivas. Esse resultado merece investigação futura, uma vez que na literatura internacional, os estudos mostram que os pais (não as mães) conversam de modo diferente com filhos e filhas, especialmente sobre experiências negativas, tanto com crianças pré-escolares (Fivush et al., 2000) quanto com pré-adolescentes (Peterson, 2004).

No que tange à participação do pré-adolescente, os resultados desse estudo mostraram que a maioria deles costuma conversar em casa sobre suas experiências pessoais, o que confirma a valorização que dão à comunicação com os pais, já encontrada no estudo de Wagner, Falcke et al. (2002). Considerando que o tipo de objetivo parental de conversação não influenciou no hábito conversacional do pré-adolescente, como mostra este estudo, os objetivos parentais de resolução de problemas, com foco no *self* do pré-adolescente e foco relacional parecem ter valor equivalente na comunicação dessas famílias. Já a influência da idade no hábito conversacional confirma a expectativa inicial levantada com base na literatura: durante a adolescência alteram-se os padrões de abertura do *self*, o que inclui mudanças nas experiências que costumavam ser compartilhadas e nas percepções de privacidade e de responsabilidade (Laursen & Collins, 2005). Mais perto dos 13 anos, os pré-adolescentes parecem estabelecer critérios para assuntos a serem discutidos com os pais com o intuito de proteger sua privacidade. A exceção ocorre quando as emoções se tornam muito fortes: nesta situação a conversação não depende da idade.

Quanto ao gênero, que se pensava influir no hábito conversacional do pré-adolescente, os resultados mostram que neste estudo isso não ocorreu. Pesquisas tanto internacionais como nacionais com crianças de 3 a 5 anos encontraram que meninas falam mais sobre emoções, se comparadas com meninos (Fivush et al.,

2000; Leibowitz, Ramos-Marcuse, & Arsenio, 2002; Sales et al., 2003). Segundo Widen e Russel (2002), nesta faixa etária existem estereótipos de gênero ligadas às emoções: as expressões de tristeza e medo são vistas como femininas, enquanto a expressão de raiva é reconhecida como masculina. Coerente com essa asserção, as memórias autobiográficas do período da infância de homens e mulheres também mostram diferenças: mulheres lembram mais experiências com emoções e recuperam essas memórias mais rapidamente do que os homens (Davis, 1999). Por outro lado, Peterson (2004) observou que pais de pré-escolares e de pré-adolescentes falam de modo diferente conforme o gênero do filho. Segundo Negreiros e Féres-Carneiro (2004), os padrões culturais de socialização são diferenciados por gênero. Assim, pode acontecer que esses resultados indicados na literatura reflitam uma visão de homem e mulher que os adultos têm, ao invés da disposição natural do pré-adolescente.

Experiência com emoções positivas conduziram os pré-adolescentes deste estudo mais à conversação do que com emoções negativas. É provável que os pré-adolescentes tenham aprendido que emoções positivas são bem acolhidas nas conversações em família, uma vez que esse tipo de conversação fortalece os laços emocionais e ajuda a criar uma história compartilhada (Nelson & Fivush, 2004). Já na conversação sobre emoções negativas, os resultados do presente estudo parecem marcar uma transição, uma vez que dois terços dos pré-adolescentes afirmaram conversar quando as sentem. Como a principal função da conversação sobre emoções negativas parece ser resolver problemas, como sugerem os resultados do presente estudo e os de Sales et al. (2003), é possível que um terço dos pré-adolescentes já esteja buscando uma maior autonomia para resolver seus problemas.

Nesse estudo, a escolha de uma parceria para conversar foi influenciada pelo tipo de emoção, idade e gênero dos pré-adolescentes. No geral, a mãe é a pessoa mais escolhida para conversar sobre tristeza, alegria e medo. Bohanek et al. (2006) verificaram em famílias com pré-adolescentes que as mães expressam e explicam mais as emoções do que os pais. Ao se considerar que a comunicação tem uma característica bidirecional, se as mães falam mais de emoções, seus filhos e filhas falarão mais de emoções com elas. Wagner, Falcke et al. (2002) também verificaram que adolescentes escolhem em primeiro lugar a mãe e em segundo, o irmão mais velho. A opção pelos amigos oferecida no presente estudo pode ter influenciado a pouca escolha pelos irmãos. Estes foram escolhidos

por menos de 5% da amostra mesmo quando foi controlada a influência da diferença de idade entre eles e o lugar que ocupavam na hierarquia familiar. Com relação à influência do tópico a ser discutido na escolha de parceria, os resultados encontrados corroboram os de Wagner, Predebon et al. (2005), pois pré-adolescentes escolhem a pessoa com quem falar dependendo do assunto, mas no presente estudo o tipo de emoção associada à experiência a ser compartilhada influencia essa escolha.

Esse estudo mostrou também que idade e gênero do pré-adolescente exerceram influência sobre a escolha da parceria. Com o avanço da idade, os amigos passaram a ser mais escolhidos para falar de raiva e o pai, para falar de tristeza e raiva e não só de alegria. O estudo de Ritchie e Fitzpatrick (1990) mostra, da mesma maneira, que os padrões de afinidade se modificam com a idade. A escolha pelas meninas de amigos, trazida nos resultados, sugere que para elas já se iniciou um movimento de afastamento da família e uma maior aproximação com os amigos (Wagner, Falcke et al., 2002). As mudanças biológicas que precipitam o início da adolescência são mais precoces nas meninas do que em meninos (Breinbauer & Maddaleno, 2005), explicando os resultados. Já a escolha do pai mostrou-se uma opção predominantemente masculina. Para os pré-adolescentes na faixa 12-13 começa a diminuir a opção pela parceira da mãe, iniciando a busca pelo pai para conversar. Esta aproximação indica uma direção desenvolvimental, em função dos processos identificatórios do adolescente com o pai, já fartamente documentados na literatura.

Há limitações no estudo que necessitam ser apontadas, dentre elas está o fato de que as famílias participantes representam a metade, um terço e até menos de 10% do total das famílias convidadas em cada local de coleta. Muitas famílias se recusaram a participar do estudo e também houve questionários que não chegaram aos pais ou que foram esquecidos em casa, o que pode resultar em um viés. Em defesa do uso do questionário, deve-se dizer que serviu ao propósito de levantar informações. Em estudos futuros, sugere-se investir mais tempo e recursos para motivar as famílias a se engajarem na pesquisa.

Por outro lado, os resultados do estudo alinham-se a outros poucos estudos brasileiros sobre comunicação familiar e, nesse sentido, auxiliam a compor um panorama sociocultural da família brasileira. Além disso, essa investigação contempla uma faixa etária pouco estudada – a pré-adolescência – levantando aspectos que são típicos dela. Dentre estes, está o fato da maior

parte dos pré-adolescentes conversar sobre suas experiências em casa e se dispor a conversar quando sente emoções, ao contrário do que acontecerá logo adiante, na adolescência, quando ocorre uma diminuição de contato com os pais, característica do processo de diferenciação (Ríos-González, 2003).

REFERÊNCIAS

- Alea, N., & Bluck, S. (2003). Why are you telling me that? A conceptual model of the social function of autobiographical memory. *Memory*, 11, 165-178.
- Bandeira, T., Seidl de Moura, M. L., & Vieira, M. L. (2009). Metas de socialização de pais e mães para seus filhos. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 19, 445-456.
- Bird, A., & Reese, E. (2006). Emotional reminiscing and the development of an autobiographical self. *Developmental Psychology*, 42, 613-626.
- Bluck, S., Alea, N., Habermas, T., & Rubin, D. (2005). A tale of three functions: The self-reported uses of autobiographical memory. *Social Cognition*, 23, 91-117.
- Bohanek, J., Marin, K., Fivush, R., & Duke, M. (2006). Family narrative interaction and children's sense of self. *Family Process*, 45, 39-54.
- Braz, M., Dessen, M., & Silva, N. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 151-161.
- Breinbauer, C., & Maddaleno, M. (2005). Youth: Choices and change. Promoting healthy behaviors in adolescents. Scientific and Technical Publication Nº 594. *Pan American Health Organization*.
- Davis, P. (1999). Gender differences in autobiographical memory for childhood emotional experiences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 498-510.
- Fivush, R., Brotman, M., Buckner, J., & Goodman, S. (2000). Gender differences in parent-child emotion narratives. *Sex Roles*, 42 (3/4).
- Fivush, R., & Duke, M. (2002). Narratives and resilience in middle-class, dual-earner families. Retirado de <http://www.emory.edu>.
- Fivush, R., & Kuebli, J. (1997). Making everyday events emotional: The construal of emotion in parent-child conversations about past. In N. Stein, P. Ornstein, B. Tversky & C. Brainerd (Eds.), *Memory for everyday and emotional events* (pp. 239-266). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Fivush, R., Haden, C., & Reese, E. (2006). Elaborating on elaborations: Role of maternal reminiscing style in cognitive and socioemotional development. *Child Development*, 77, 1568-1588.
- Fivush, R., Marin, K., McWilliams, K., & Bohanek, J. (2009). Family reminiscing style: parent gender and emotional focus in relation to child well-being. *Journal of Cognition and Development*, 10, 210-235.
- Fivush, R., & Nelson, K. (2004). Culture and language in the emergence of autobiographical memory. *Psychological Science*, 15, 573-577.
- Fivush, R., & Sales, J. (2006). Coping, attachment and mother-child narratives of stressful events. *Merrill-Palmer Quarterly*, 52, 125-150.
- Gottman, J., Katz, L., & Hooven, C. (1997). *Meta-emotion: How families communicate emotionally*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gross, J., & Thompson, R. (2007). Emotion regulation: Conceptual foundations. In J. Gross (Ed.), *Handbook of emotion regulation* (pp. 3-24). New York: Guilford Press.
- Halberstadt, A., Denham, S., & Dunsmore, J. (2001). Affective social competence. *Social Development*, 10, 79-119.
- Hollingshead, A. B. (1975). *Four factor index of social status* [Unpublished working paper]. Yale University, New Haven, CT.
- Lambert, S. F., & Cashwell, C. S. (2004). Preteens talking to parents: perceived communication and school-based aggression. *The Family Journal*, 12, 122-128.
- Laursen, B., & Collins, W. (2005). Parent-child communication during adolescence. In A. L. Vangelisti (Org.), *Handbook of family communication* (pp. 333-348). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Leibowitz, J., Ramos-Marcuse, F., & Arsenio, W. (2002). Parent-child emotion communication, attachment and affective narratives. *Attachment Human Development*, 4, 55-67.
- Macedo, L. R. (2006). *Conversar sobre o passado na interação mãe-criança* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Retirado de <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10757/000601096.pdf?sequence=1>
- Negreiros, T., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4, 34-47.
- Nelson, K., & Fivush, R. (2004). The emergence of autobiographical memory: a social cultural developmental theory. *Psychological Review*, 111, 486-511.
- Oliva, A., Otta, E., Ribeiro, F., Bussab, V., Lopes, F., Yamamoto, M., & Moura, M. (2006). Razão, emoção e ação em cena: A mente humana sob um olhar evolucionista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22, 53-62.
- Pasupathi, M. (2003). Emotion regulation during social remembering: Differences between emotions elicited when talking about it. *Memory*, 11, 151-163.
- Peterson, C. (2004). Mothers, fathers, and gender: Parental narratives about children. *Narrative Inquiry*, 14, 323-346.
- Reese, E., Bird, A., & Tripp, G. (2007). Children's self-esteem and moral self: links to parent-child conversations regarding emotion. *Social Development*, 16, 460-478.
- Ríos-González, J. A. (2003). *Vocabulario básico de orientación y terapia familiar*. Madrid: Editorial CCS.

- Ritchie, L. D., & Fitzpatrick, M. A. (1990). Family communication patterns: Measuring intrapersonal perceptions of interpersonal relationships. *Communication Research, 17*, 523-544.
- Romanelli, G. (1998). O relacionamento entre pais e filhos em famílias de camadas médias. *Paideia, 8*, 123-136.
- Sales, J., Fivush, R., & Peterson, C. (2003). Parental reminiscing about positive and negative events. *Journal of Cognition and Development, 4*, 185-209.
- Sillars, A., Canary, D. J., & Tafoya, M. (2004). Communication, conflict and the quality of family relationships. In A. Vangelisti (Org.), *Handbook of family communication* (pp. 413-446). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Sillars, A., Koerner, A., & Fitzpatrick, M. A. (2005). Communication and understanding in parent-adolescent relationships. *Human Communication Research, 31*, 102-128.
- Soares, I., & Campos, B. (1988). Vinculação e autonomia na relação do adolescente com os pais. *Cadernos de Consulta Psicológica, 4*, 57-64.
- Teodoro, M. L., Cardoso, B., & Freitas, A. C. (2010). Afetividade e conflito familiar e sua relação com a depressão em crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 23*, 324-333.
- Wagner, A., Carpenedo, C., Melo, L., & Silveira, P. (2005). Estratégias de comunicação familiar: A perspectiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 18*, 277-282.
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L., & Mosmann, C. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo, 7*, 75-80.
- Wagner, A., Predebon, J., Falcke, D., Dotta, R., & Garcia, I. (2002). A comunicação familiar: Uma experiência com adolescentes em grupos focais. *Psico, 33*, 137-150.
- Wagner, A., Predebon, J., Mossmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21*, 181-186.
- Widen, S., & Russel, J. (2003). A closer look at preschoolers' freely produced labels for facial expressions. *Developmental Psychology, 39*, 114-128.

Recebido: 07/12/2011
Última revisão: 15/01/2013
Aceito: 28/02/2013